

# ECOS DE CACIA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

REDACTOR (Em Lisboa)

**Anibal Cruz**

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Fermentelos, Eixo, Q. do Gato, Bonsucesso, Esgueira, Mataduchos, Avanca, Estarreja, Canelas e Angeja.

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

**ASSINATURA**

Ano, série de 50 números	20\$00
Semestre, série de 25 números	10\$00
Estrangeiro, ano 50 números	50\$00
Brazil e Colonias	30\$00

Director-Proprietário e Administrador  
**José Marques Damião**  
Filiado no SINDICATO DA P. IMPRENSA E I. REGIONAL

Redactor e Editor  
**Abillo de Carvalho**  
O MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS  
**Rua da Paz--QUINTÃ DE LOUREIRO (CACIA)**  
Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

## AO POVO QUE NOS LÊ

Não podemos precisar, neste momento solene, onde nos quedaremos, olhando o rastro luminoso da nossa obra.

«Dantes quebrar que torcer», como diria Sá de Miranda que os parvos de hoje não lêem porque não o compreenderiam, foi, e será o carácter desta entidade jornalística.

Irã vivendo até que, como tudo no mundo, tenha de desaparecer. No entanto, não sobreviverá à sua morte (que ainda lá vem longe) a injustiça, a iniqüidade, a mentira, sem que, pelo menos, o nosso vergalho se não tenha enroscado em todos os corpos de miseráveis.

Para castigar não descemos à lama. Far-se-á jornalismo como até hoje — levantado, nobre, justo! A pena que usamos já mais descerá à mordacidade ignóbil e suja, que é arma dos anémicos *jornalistas* que vegetam miseravelmente pelas estremeiras repugnantes dalguns currais que se encanstram para aí — verdadeiras tendas onde horrosos acéfalos constituem a língua dos nossos Maiores.

Não temos necessidade de sujar a pena para castigar a imbecilidade indígena.

O golpe vibrado à luz clara, e em linguagem académica, terá um efeito mais contundente.

O nosso Facho há de espantar as ratazanas que se escondem por essas vielas; arrancá-las à revoltante promiscuidade em que vivem, para delas fazer uma riquíssima colecção de múmias.

Não temos a pretensão de fazer tudo num dia, por isso vamos com o tempo...

Da nossa experiência de jornalistas servir-nos-emos quando em defesa dos interesses da região tenhamos de escorraçar a canalha que só tem sabido comêr as migalhas que cáem da nossa mesa. Isto, quando os seus insofríveis apetites os levem a adulterar as nossas mais nobres intenções prejudicando os sacratíssimos interesses regionais em proveito da política que tão cinicamente servem. E' este o nosso programa: Castigar os que erram, louvar os que bem merecem e difundir luz, muita luz!

Eis a nossa política.  
A Redacção.

**O**s *Echos de Cacia*, ao atingirem o primeiro anno da sua existencia, bem podem envaidecer-se da bella e honrosa jornada que hão percorrido.

São bem conhecidos os esforços que empregam e as dificuldades com que lutam mormente nos tempos que vão correndo, as emprezas jornalísticas em geral.

Compreende-se assim como estes esforços terão redobrado e como as dificuldades se terão multiplicado, tractando-se d'um jornal nascido n'uma modesta freg.ª rural e que n'ella se tem mantido sem o auxilio que poderiam dispensar os grandes meios sociaes e apenas amparado pela boa vontade, dedicação e espirito patriótico dos nossos conterraneos e dos mais afeiçoados a esta formosa região banhada pelo nosso querido e pitoresco Vouga e cujos interesses têm nos *Echos de Cacia* o mais disvelado, carinhoso e ardente defensor.

Em dia, pois, tão festivo e de tão justa satisfação não só para o digno proprietario e director d'este jornal, como tambem para o seu redactor principal e mais colaboradores, é-me grato apresentar-lhes, com os mais affectuosos cumprimentos, as mais vivas e sinceras felicitações, a par dos votos ardentes que fico fazendo pelas suas venturas e prosperidades.

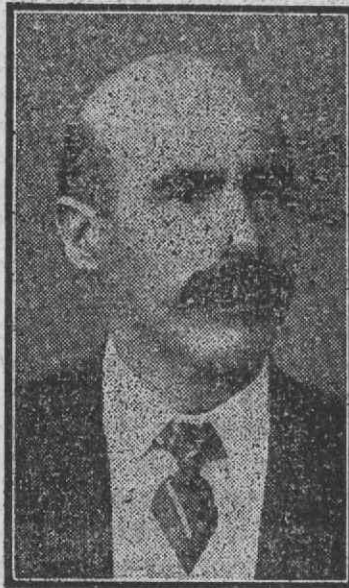
Cacia, Julho de 1931.

MANUEL NUNES DA SILVA.

## O EGOS DE CACIA e o seu fundador

Nesta hora jubilosamente intensa para os que ao redor do Facho que nos acalenta vêem erguendo, sustentando, elevando a Obra que J. J. Nunes da Silva levantou, é-nos grato dizer duas palavras mui sinceras de homenagem à sua memória, ligando à posteridade o nome do fundador do primeiro jornal que se publicou nesta freguesia, e que hoje vive e viverá mercê do ambiente amigo em que se remoça desde a sua reaparição.

Não era J. J. Nunes da Silva um literato. Homem de rudimentares conhecimentos embora mas rodeado de algumas penas sofríveis, êle soube, há 17 anos, impôr ao respeito do povo da região do Vouga o jornal que fundára em 5 de Agosto de 1915 — *Echos de Cacia* —



J. J. Nunes da Silva

e que reapareceu faz hoje 1 ano, após a sua forçada suspensão por falecimento do seu fundador.

Prestemos todos culto a J. J. Nunes da Silva, ao seu carácter e às suas boas intenções, fazendo por que dos alicerces que abriu nesta abençoada terra, surja uma obra esplendorosa de luz, donde em diamantinos flócos vá caindo a Verdade na alma do povo, cristalizando os corações empedernidos pelo Egoismo e pela Mentira. Façamos por que se torne útil à Região este jornal apolítico que louva sempre que para tal tenha motivo, que castiga sempre que para tal tenha Razão. Ao capitão Celestino Baptista da Silva endereçamos os nossos cumprimentos ao falarmos de seu saudoso pai.

## O poder do Campanário

Já não há terras distantes nem diferentes; nem mares que tão largos sejam que apartem os homens. Caminhos de ferro, telégrafos e telefones, e os automóveis e os aeroplanos, e os grandes transatlânticos, cidades flutuantes, todos êsses recoveiros portentosos das causas e do espirito aproximaram por tal modo, e tão íntima e assiduamente, todos os continentes e todas as nações, e tão radicalmente apagaram dissimilhanças e oposições que o mundo parece, de polo a polo, votado a falar a mesma língua e a respirar o mesmo ar e a sofrer as mesmas penas e a exultar nas mesmas alegrias e a esforçar-se no mesmo trabalho, sem distinguir povos nem climas, ou montes ou planuras e os palmares e as vinhas e os prados. O mundo e a vida, em toda a superfície do globo, vão a fundir-se numa amálgama de uma homogeneidade insípida, sem côr nem sabôr, como se fossem obra de uma só atmosfera e de um só barro e de um só homem, face do mesmo ser e éco de uma só alma. Uma yaga de uniformidade remodela

em um só padrão quantas diversidades a natureza criou e quantos caprichos lhe aprouve produzir, no sentir como no querer, no traje como na mesa. Nem as rosas escaparão a esta rasoura de nivelamento e coincidência: até os jardins vão a tornar-se por toda a parte o mesmo aglomerado caótico das mesmas flôres exóticas, vicejando por nossa arte nos mais vários ambientes.

E, todavia, por tôda a Europa Ocidental, e muito acentuadamente em o norte do nosso país, ao qual ainda pertencem estas ribas e estas águas do Baixo-Vouga, por tôdo este viveiro abundantíssimo de braços vigorosos e corações amoráveis, os homens deixam entre lágrimas o seu lar e partem, corajosos, a correr mundo e a experimentar penas e fadigas árduas e prolongadas para grangear o pão que os sustente e o pecúlio que lhes ha de amparar e abastar a velhice. Vão e mourejam lá por onde Deus os manda e a sorte os contenta ou contraria, e, por oculto milagre, nunca perdem de vista a luz do seu sacrário; e nunca se esque-

cem do lugar em que nasceram; e a sua ambição constante, zelosamente servida em acção, é dotar de fortuna e beleza êsse lugar e por fim voltar ao seu abrigo, para lá terminar a jornada, para aí morrer deixando a sua terra e a sua gente mais crescidas de bens e formosura que de seus pais e avós vinham herdadas.

Cacia é hoje um florido exemplo d'êste engrandecimento pela dedicação dos seus ausentes que com uma fidelidade comovente jámais a esquecem, para lhe pagar pontualmente a sua contribuição de haveres e afeições e por êles a alargar e adornar; e como Cacia, repetindo-lhe os brilhos, é a quasi totalidade das povoações que a cercam, como ela apregoando na sua prosperidade o amor dos seus filhos dispersos, cujos corações através de mil vicissitudes, não cessaram de morar no seu berço e lá palpitam juntos e se alegam, servindo continuamente aquela que lhes foi mãe e os abençoou.

E' que por engenho subtil da natureza há uma escravidão indissolúvel, um mistério, neste

## DR. MANUEL DE VILHENA

Do nosso illustre amigo e distinto advogado com banca em Aveiro, sr. dr. Manuel Firmino Regala de Vilhena:

... Sr. Director: — E' sempre com muito prazer que leio os *Echos de Cacia*, um dos mais cuidados e interessantes semanários do nosso districto.

Estrénuo defensor dos interesses da região, atacando ou defendendo, criticando e doutrinando sempre dentro das velhas normas da correcção, que é timbre do bom jornalismo, os *Echos de Cacia* impõem-se aos seus conterrâneos mais exigentes.

Considero, por isso, de meu dever felicitá-lo pelo aniversário do *Echos de Cacia*, desejando-lhe muito sinceramente as melhores prosperidades, que bem merece.

Aveiro, Julho de 1931.

Manuel de Vilhena.

## Duas palavras! SAUDANDO

Passa o primeiro aniversário, pelo que é preciso, que, o nosso povo nos compreenda e nos auxilie para que nós possamos seguir uma estrada limpa e recta, que nos conduza, — o que aliás é difícil — ao ponto que preten demos atingir.

São estas palavras, que hoje estão nos lábios de todos quantos dirigem o *Echos de Cacia*.

Que fazer, pois, povo de Cacia? — Continuar a compreender o esforço dos dirigentes do jornal da vossa terra, ajudando-o moral e materialmente, para vosso bem.

Certo disso... e que o *Echos de Cacia* fará o seu segundo aniversário eu vos saúdo **Povo de Cacia!**

Eu vos saúdo pelo vosso amor à vossa terra e ao seu progresso cuja alavanca é a **IMPRENSA**.

Lx.ª, 25/7/32

Carlos Regueira Santos.

poder inviolável do campanário que saudou o nosso nascimento e a nossa admissão na comunidade cristã e nós queremos que lamente e chore a hora da nossa sepultura. A sua voz, desde que nos embalou, ficará a vibrar perpetuamente em os nossos ouvidos, e será um enleio, uma obrigação e um cativoiro nos quais nos sentimos felizes, entretanto felizes tornando os nossos vizinhos e irmãos nesta obediência.

Eixo, Qta. de S. Francisco e no dia de San Tiago.

Jaime de Magalhães Lima



**"ECOS DE CACIA" por dentro**

Dá-nos hoje a honra da sua magnífica colaboração os ex.<sup>mos</sup> srs. Conselheiro dr. Manuel Nunes da Silva, juiz-presidente aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, a mais alta figura moral da nossa Região, nome bastante que não carece de adjectivos para se impôr e dr. Jaime de Magalhães Lima, venerando publicista e escritor de alto relevo, nome laureado nas letras, sobejamente conhecido em todo o país. To das as outras individualidades que colaboram no presente número já oportunamente foram apresentadas ao nosso público.

O nosso corpo redactorial tem aumentado consideravelmente, contando no número dos colaboradores escritores insígnis e advogados distintos como Alberto Souto e Manuel de Vilhena, jornalistas lisboetas como Regueira Santos, da *R pública*, E. M. de Frias, do *A B C*, Aníbal Cruz, do *Noticias de Domingo*, José Malheiro, e tantos outros profissionais da grande imprensa que tem vindo dando a este jornal as cintilantes produções das suas maravilhosas penas. Devemos satisfazer o público, e o povo desta terra deve sentir-se orgulhoso de nos possuir, pagando com gratidão a quem no anonimato lhe vai engrandecendo a terra.

Que todos compreendam e avaliem o nosso esforço, e os que, por um lamentável atrazo intelectual não sabem compreender o aprendam a fazer, é o que desejamos.

**Grupo Musical Caciense BAILE**

A Direcção do "Grupo Musical Caciense" convida os seus sócios e s. ex.<sup>mas</sup> Famílias a comparecerem na Sêde pelas 22 horas de amanhã, 2 do corrente.

Cacia, 1 de Agosto.

**Declaração**

Antonio Gonçalves Nunes, declara publicamente que por testamento de seu falecido pai Manuel Gonçalves Nunes, tem de entregar 10\$00 a todos os seus afilhados, terminando o dito o prazo para o cumprimento destas disposições no dia 18 do corrente.

Por esta declaração são avisados todos os interessados a apresentarem um recibo correspondente a 10\$00 até esse dia. Passado este prazo cessa toda a responsabilidade na entrega do foliar. Cacia, 1 de Agosto de 1931.

**MÁQUINA FOTOGRAFICA** em 9x12, em bom estado, VENDE-SE BARATA. Informa este jornal.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**Luz vivificadora!**

*Em vão ando á procura. Em vão desejo De certos olhos tentadores, a luz; Inutilmente cõrro, mas não vejo A graça infinda que o amôr produz.*

*Porquê? se o amôr nasce num momento, Se é tam banal a vida que vivemos? E que sempre seguindo um pensamento Se adivinha o ideal que nós queremos.*

*Assim somente em sonhos é que vejo O que na realidade não almêjo Qualque sorriso lindo e encantador...*

*E sempre á espera da que ha-de ser bela Para mim, e mais linda que uma estrela, Ando ás escuras, sem a luz do Amôr...*

Porto, 1931.

CARLOS REIS

**MAIS UM DESGRAÇADO**

**A liberal França deve banir a pena de morte para que continuemos a amar**

Como todos os nossos leitores já tem conhecimento foi condenado à pena última, no Tribunal de Versalhes, um português, sob a acusação de ter sido o autor dum assassinio na pessoa duma mulher casada.

Não obstante o pobre tramontano dizer-se inocente o tribunal francês pô-lo em frente da guilhotina; e, eratal a convicção do júri, que após ter lavrado a sentença de morte assinou o pedido de indulto ao presidente da República.

Se está livre do crime que lhe inculcam, ou se está culpado, é-nos inteiramente indiferente porquanto não pretendemos fazer nesta humilde tribuna a sua defesa ou tam pouco a reportagem desse crime. De-resto, era extemporânea e fastidiosa.

Norteia-nos apênas a idéa de protestarmos com todas as veras da nossa alma contra a iníqua pena de morte—mancha sangrenta que conspurca a alma do povo que ainda a consente, que dirá aos vindouros tam mal da nossa sensibilidade e da sentimentalidade que aos quatro ventos proclamamos.

A pena de morte é anti-social, e anti-racional. O cérebro humano não a concebe porque, para tanto, tinha de admitir o crime.

**NINGUÉM TEM O DIREITO DE MATAR** seja qual fôr a posição social que gose.

Matando, quem quer que seja, revolta-se contra a Humanidade, contra a Criação!

Para castigar não é necessário extinguir. O julgador assim, descerá no conceito moral, tanto mais quanto o criminoso atinge o pináculo do seu calvário, passando, ao sentir a reluzente lâmina da guilhotina roçar a pele arrepiada do sentenciado a ser um verdugo.

O Tribunal foi criado pe-

los homens para que dentro dele a Justiça impere, regulando as contendas do bicho-homem a fim dele não decidir por suas mãos, tomadas geralmente de revindite, os litígios entre si levantados que ocasionam por vezes mortes.

Separam amiúde dois homens razões de pundonor que os conduzem, por vezes, a verdadeiros duelos em que a supressão dum é fatal. A Justiça manda os seus officiais conduzir à barra do tribunal o que sobreviveu da contenda para lhe pedir contas do acto cometido e dizer-lhe: —"Eu estava aqui para avaliar as tuas razões e solucionar o conflicto dentro da Equidade. Porque agrediste ou mataste? Desconheces, miserável, que ofendeste o género humano, que a ninguém assiste o direito de matar?"

Ora sendo esta a Verdade da Justiça, sempre Impávida e Serena, para julgar com rectidão e justeza, como Ela desce por vezes tão miseravelmente do Augusto pedestal em que o pensamento humano a collocou, e vai tão selvaticamente armar o braço do vingador que uma sanha felina faz espumar ferozmente, matando o que matou, abjurando a sua augusta missão de doce apaziguadora, de imaculada Deusa da Verdade!

A França deve mandar partir as suas guilhotinas para honra da Justiça, para dignificação do género, para que os portugueses continuem a rever-se nas magníficas demonstrações da sua vida política deixando do melhor agrado influenciar-se pela intellectualidade francesa.

Somos amigos da França ainda que na esteira luminosa do Progresso e da Civilização caminemos um pouco arredados desse magnífico povo. Portanto, nós, mais azaçados ousamos ufanar-nos de termos banido essa iníqua pena. EDON.

**MAIS UM ANO...**

Mais um aniversário. Mais um ano que passa de lutas, de desenganos, sempre no desejo, na esperança de que o dia de amanhã, seja melhor e depois o desengano, que aniquila vontades e que leva a esmorecer os espiritos mais fracos, mas que para os espiritos fortes, para os que gostam de lutar contra a adversidade é um estímulo.

Mais um ano. Só quem anda nas lides da Imprensa, sabe o que esses 365 dias, representa, quantos desgostos e mesmos lágrimas o jornal ocasiona, a quem o escreve e o dirige.

Tu leitor não tens trabalhos nem ralações. Gostas de ler o jornal e não te incomodas, porque não conheces e nem sonhas as dificuldades com que se luta, para que o jornal, não te falte em casa.

Os que escrevem, é que sabem, só esses, porque os que lêem, nem sonham as mil contrariedades que é necessário vencer, para que o Pensamento, se possa traduzir por palavras impressas.

Mais um ano se festeja.

Hoje é dia de festa, amanhã será de tristeza, mas que hoje os olhos reflitam a alegria que nos vai na alma, a satisfação de ter vencido as dificuldades que se nos depararam e que

não chegaram para nos intimidar.

Mais um ano. Mas tu sabes leitor, o que isso representa? Tu põis na tua ideia o que representa um ano na vida de um jornal, que como o nosso vive do teu esforço, do teu auxílio e que só o preocupa os melhoramentos da terra onde labutamos?

Não fazes ideia, porque não podes saber o esforço que é necessário para manter um jornal, para o apresentar ao público, para lhe despertar interesse, para que ele faça parte integrante da sua vida.

Mas eu, que o sei, que trabalho, que mourejo nesta vida de jornais há mais de uma dezena de anos, que vejo cuasi diariamente o lápis azul da censura cortar o que escrevo, que me vejo por vezes embaraçado, sem saber o que deva escrever, porque em todos os assuntos se me apresenta o maldito lápis azul, que é a barreira, o dique, a prisão do Pensamento, que sei quanto custa fazer um jornal e avalio por esse facto o esforço do proprietário do *Ecoss de Cacia* por esse motivo, o felicito, a ele por publicar o jornal e a ti leitor por teres a paciência de me aturar.

José Malheiro.

**A IMPRENSA**

No dia de hoje, tão solene para nós, honra-nos transcrever os sublimes versos do imortal vate Gonçalves Crespo:

*Eu sou a Imprensa, Deusa sublime, Que, face a face, Castiga o crime!*

*Sou a palavra Da sã verdade, Na grande luta Da Liberdade!*

*Estendendo os braços Para os vencidos, Enxugo o pranto Dos oprimidos;*

*Eu sou a Imprensa, Deusa Sublime, Que, face a face, Castiga o crime!*

*Não tenho pátria, Mas tenho berço; De frente erguida Cõrro o Universo!*

*Não há tesouro Que me fascine, Não há ameaça Que me fulmine.*

*Para os cobardes Sou a vingança... P'ra os vitimados Sou a esperança...*

*Eu sou a aurora Da Liberdade, Eu sou o Imprensa Sou a Verdade!*

Gonçalves Crespo.

**A' Margem...**

**Ao sabôr das ondas**

Não julguem os meus leitores que se trata de algum barco em perigo. Não.

O mar... é a Vida; e o barco vogando ao sabor das ondas... é o homem. E se este barco ainda não se afundou, atravez as grandes tempestades de que sempre é acossado, é porque ele está revestido de qualquer couraça, para poder resistir aos fortes embates.

As espécies de naufrágios ou tempestades são inúmeras, como inúmeras são as causas. Desespêros provenientes de mil e uma coisas, ódios, desgostos, e ainda sobretudo... a mulher! Não é um paradoxo, pois ela é um motivo para tempestades.

É ela geralmente que vai ao leme do barco e portanto que o guia, mas repentinamente com a alucinação intriguista parte o leme, e lá vai o barco ao sabôr das ondas...

Vem até a proposito o seguinte adágio lido algures:—"A mulher bela é o paraizo dos olhos, o inferno da alma e o purgatório da bolsa."

Eu acrescentarei neste caso: —E' a tempestade da vida.

Porque faz com que o barco siga sem destino, se desfaça nos penedos do esquecimento e da loucura.

Chega a fazer da "blague" um entretenimento, qual onda impetuosa arremessada com furor a qual coloca muitas e muitas vezes o homem em atitudes irrisórias; e quando este se cala não é vencido, mas simplesmente convencido duma determinada ideia, e com uma impressão e crítica muito pouco favoráveis.

O mar, quanto maior é a sua bravura com as suas ondas altamente soberbas e enraivecidas, quanto maior é a sua beleza e a sua grandeza.

Com a mulher dá-se o mesmo caso.

Gentis leitoras: — não jarceis sobre mim a vossa malicia. Eu bem sei que a mulher é nobre e quão grande o espirito altruista!

O que acima fica é, sem dúvida o que a mulher faz, e apenas a mulher frívola.

Porto, 1931.

Carlos Rei



1-8-931

Com este número completa mais um ano de publicação o *Ecos de Cacia*, jornal de intensa defesa em prol dos interesses da sua região fértil e pitoresca, e é uma tribuna abertamente liberal no campo da independência, inserindo uma colaboração cuidada e inteligente que tem ultimamente merecido a atenção dos seus numerosos leitores.

Avaliando o papel preponderante que a imprensa provinciana eerce no seu meio, notada é com assombro a nobre missão dos *Ecos de Cacia* que, batendo-se pelo bem-estar da vida regional, vem focando ereticamente os assuntos mais palpitantes para a nação e, ainda, faz a crítica com olhos de ver a alguns problemas internacionais, tanto económicos como políticos, que hoje tão precisos são serem conhecidos do nosso povo, visto que os povos avançam para um futuro melhor.

Um jornal assim orientado tem direito a viver para prestígio da Pequena Imprensa, — hoje como nunca guerreada pelos *zoltos* e *ócos*, — e é dever de todos os portugueses do Vouga erguê-lo e auxiliá-lo porque é prestar um bom serviço à sua terra em benefício da nossa Pátria!

Saudamos cordealmente os presados camaradas que trabalham na redacção dos *Ecos de Cacia* pelo seu aniversário, especializando com um grande abraço o seu proprietário-director sr. José Marques Damião, pela sua obra patriótica e o inteligente redactor Edon pelos seus brilhantes artigos, — fazendo os melhores votos pelas prosperidades deste jornal. E nada de desfalecimentos.

A acção regionalista em Lisboa tomou um desenvolvimento digno de nota que à maioria provinciana aqui residente impulsiona cada vez mais a trabalhar com amor pelas suas regiões.

E isso nos leva a simpatizar jubilosamente com essa luta patriótica encetada a favor das nossas províncias que, esquecidas na capital do país por quem tem o dever de para elas olhar — já não dizemos com carinho mas, logicamente, com olhos de homens que dirigem os destinos nacionais, — tem vivido desprezadas sem que se lhes atendam, ao menos, os pequeninos melhoramentos mais necessários ao desenvolvimento nacional como sejam: — o fomento da viação; a abertura de escolas; o desbravamento da terra que se encontra inculta por falta de meios e de energia; o auxílio às indústrias regionais que são uma riqueza ainda por explorar; maior protecção aos nossos portos de mar que, continuando assoreados e inavegáveis, são um desastre para a vida económica do país; a construção de linhas férreas e de estações telefónicas e tantos outros benefícios de que carecem os povos provincianos.

Sendo, pois, essa acção uma corrente respeitadora a pugnar em prol do bem da pátria, os poderes públicos de certo que a atenderá nas suas pretensões, para que fortifiquem iniciativas de valôr; mas, com tristesa notificamos, que a essa corrente não está ligada a acção regionalista do Vouga, por ainda não estar formada em Lisboa qualquer organização, falta esta que é deplorável visto que seria muito importante essa colectividade regional por na capital viver um grande número de naturais da região do Vouga.

Aníbal Cruz.

## A VOZ DA RAZÃO O meu Ideal

## NÃO ASSUSTA, PORQUE É A VOZ DE CRISTO

O meu humilíssimo escrito *Novos horizontes*, publicado no último número deste jornal, revolucionou, a dar crédito ao que dizem algumas pessoas de cultura na região, os espíritos pacatos e serenos da nossa pacata e tranqüila aldeia.

Não há motivo para alardes de maior porque foi a Razão que falou, como cumpre a quem livre de política orienta este jornal. Nem outra linguagem usa, useu ou jamais usará a pena que, nervosamente, me vêm desde a *Tenacidade* e *Trocista* trazendo os pensamentos.

A voz da Razão foi a que se fez ouvir.

Não assustou, não; o que é verdade é que a voz da Razão é estranha para estas nossas paragens. E, como tudo que é novo desperta sempre o comentário, *Novos horizontes* prestou-se admiravelmente para o *cavaco*... ainda que da Consciência mais bem formada ao animal político que obra apenas segundo a sua mediocre intuição, **todos** o compreendessem e compreendessem maravilhosamente a sua finalidade.

E tanto assim é que os aplausos francos de muitos leitores abafaram os comentários um pouco desagradáveis de dois ou três dos nossos melhores amigos que não querem talvez ceder à voz da sua Consciência que manda prestar culto à trilogia: Razão, Justiça e Verdade. Que tudo manda curvar ante a Verdade. E a Verdade é quem nimbá os novos horizontes com a fimbria do véu luminoso do estupendo Facho que ergue por sobre a Humanidade neste despertar latente das energias adormecidas.

A Verdade: — a Verdade de Cristo, de S. Francisco, de Santa Izabel, de S. Francisco Xavier, de S. Paulo, de Pio XI que numa Encíclica recente deixa cair o látego nas frentes dos maus senhores da Terra que vêem, com o seu egoísmo e orgulho, cavando um abismo horrendo na Humanidade, abismo hediondo, pestífero onde todos cairemos sem remédio, se esta vida que tanto prezamos e nada vale e nada é ante a luminosa PROMESSA do que seria se acatássemos a voz da Razão, se esta vida — dizíamos nós — nos arrastar por mais alguns anos neste Vale de Lágrimas!

Não é matando os Idealistas, não é encarcerando os bons repúblicos, não é atirando para a enxovia com os humanos que pedem trabalho para viver, não é protelando as transcendentes questões sociais e políticas, não é adiando a solução dos momentosos problemas para o dia de amanhã para assim passarmos o dia de hoje sem ralações nem cuidados, não é assim procedendo, assim obrando, que nós cumprimos o nosso dever, trabalhamos pelo bem da Comunidade, acatamos a voz da Razão, pugnamos pela paz nos corações e nos espíritos, ensinamos a doutrina do Perdão e da Virtude, do Amor e da Verdade, não é assim procedendo não, que praticamos a palavra de Cristo, ditada pelo seu imenso sacrário de Bondade. Não é não.

Não existem duas espécies de Amor: — Amor é tudo isto. Mas julgam os egoístas que conservam melhor a paz mentirosa em que digerem o seu almoço, assim procedendo... Que fatalidade! Como o apêgo à Terra, às misérias da Terra, aos gosos deste mundo vil e enganoso empana os olhos dos

tristes viventes que fruem o lêdo e fugidío bem-estar da triste hora que passa! Como os não deixa ver a Verdade que a Renúncia e a Penitência designou ao meu espírito e lhe fez conhecer as maravilhas do Ideal nos páramos intransponíveis da Filosofia Racional.

Esse apêgo é a desgraça dos viventes que nos vem sucedendo. Esse apêgo é filho da mentira. Oxalá eu podesse com a Luz da minha Razão espavorir os doendes que numa dança macabra, maceram o espírito dos apegados à terra, o inferno de lemures que ofuscam o sol da Verdade da inteligência dos paupérrimos viandantes da senda da Vida!

Era uma obra de Caridade rasgar os olhos da Obstinação! Porque se a Filosofia Racional é a Fonte donde dimana a puríssima água da Verdade que fende pela sua dialectica o casco humano mais rijo, quem ousará distinguir-se entre gente pretendendo fugir à acção salutaríssima ao espírito e ao coração, do Sol que aponto!? Quem!?

... Ninguém. A verdade impõe-se e não há detractor que a ofusque. Outro remédio não nos assiste senão curvar-nos.

E' evidente. E' incontestável. A Verdade tem tal força de persuasão que os seus inimigos só a atacam dizendo defendê-la, só a *defendem* quando a deturpam.

A emoção que as minhas homilias me causam tem gasto os meus nervos, e assim fechei meus olhos sem assistir ao fecho do torneio entre a Verdade e a Mentira. Talvez esta luta que vêm de séculos ainda faça verter muito sangue durante algumas dezenas de anos...

No entanto, os que me sobreviverem, quando o eco da minha palavra se tenha perdido nas quebradas dos montes que nos cercam, hão de assistir ao estridente chamamento de *alerta* dos arautos do Porvir, abafando o latir do Egoísmo, o ulular da Mentira. Tudo se aquietará ante o Sonho que se realiza, ante o côro maviosíssimo da Humanidade cantando o Hino da Paz, partida a lança como arma ignóbil nas mãos dum Homem, o braço erguido apenas para abençoar e para trabalhar.

E ante a maravilhosa radiação, acalentados por igual, na comunhão sacratíssima do mesmo Ideal de Amor, erguidas muito alto as táboas da nossa Lei, da Única Lei, a Lei da Verdade e da Justiça, — dizei camponeses que sofreis as agruras dum viver horroroso: trabalhando, trabalhando e não vendo o fructo de tanta cansa — dizei-me se não vos sentiria melhor, se essa deprimente desigualdade com que vos tratam usaria distanciar-vos dos que bebem o vosso suor e se despresam da vossa companhia.

Ah, sim. Fechar-se-ia a cratera do vulcão que ruga como boca disforme de fera indomável, esse sorvedoiro do sangue que se vasa continuamente das artérias do colossal corpo da Humanidade, tornando imprópria a acção dos estimulantes que este e aquele lhe vão fazendo ingerir no sentido de lhe irem prolongando a agonia.

A acção desses estimulantes é passageira. Não perdura porque não visa a destruição da raiz do mal, mas tão somente o adiamento da operação que todos no fundo reconhecem ser uma necessidade, uma imperiosa

necessidade, antes que a gargrena se aposse dos órgãos essenciais. É uma operação que se impõe. Salve-se o Homem ainda que se tenham de imolar os vermes que lhe vão perfurando os tecidos, coartando-lhe os movimentos, espalhando o virus depauperante da aniquilação por todos os vasos sanguíneos! Destruir os vermes para salvação do corpo onde se acoitaram, é o que qualquer cirurgião recomendaria, se a esse cirurgião não conviesse o prolongamento da agonia do enfermo...

E quem há aí, medianamente culto, que negue a gravidade da doença que vem de atrofiar o género humano!? Ninguém por certo se levanta a negar tão descaradamente a Verdade! E, porque assim é, os cirurgiões que vivem de há séculos do mal dêsse corpo enfermo, inventam, para cada dia que passa, um novo tratamento...

E' tão clara esta verdade que, os cirurgiões, escorraçam numa fúria epilética todo aquê que ousar erguer o Facho muito perto do enfermo porque lhes convém que as úlceras onde as larvas se arrastam como miseráveis na lama dum gafaria se não vejam, que a baba que escorre da boca corroída do desgraçado não espelhe os fios de sangue que arrasta das vísceras em decomposição, que a cara esquelada e o corpo escalavrado não denuncie a sua mortal palidez! Não querem que a Verdade se ostente à luz radiante do Facho que empunhamos, porque acalentam a enganosa esperança de ir protelando a agonia do desgraçado, porque julgam eles que o povo se contenta com o *Boletim do dia* que afixam à porta do misterioso hospital: «O enfermo passou regularmente a noite, as pulsações são regulares e o seu estado geral não se agravou».

Enganam-se a si próprios, porque bem sabem que o povo já não lê o *Boletim*.

Acha-o insípido, toma-o por um paliativo, e nada mais.

Mostre-se a Verdade, ainda que ela seja tão dura e triste que de início amedronte os pusilânimes e temperamentos de fraca robustez! Deixem entrar e permanecer perto da Verdade os que não crêem sem vêr! Ergam o pesado reposteiro que veda a mansarda onde o pobre se estiola, dos olhares perdidos na contemplação do luxo e da ostentação da sociedade dos incarácterísticos snobs! Mostrem-na a todos, e verão como os párias se contorcem de dôr, as almas dos infelizes se evolvem dos corpos macerados de amargura como esvaído fumo odorífero a despegar-se com lentidão de piras feitas da nossa Carne!

Mostrem a mansarda e verão a Verdade!

\*\*\*

Assusta esta linguagem que me sai da alma, como uma cadeia de luminosas gotas espirituais!? Ó, não assusta!

Interrogai, meus amigos, a vossa Consciência que ela sem tibiezas falar-vos-á a mesma linguagem. Não a abafeis! Deixai-a expandir-se!

Esta linguagem não assusta porque traduz os meus mais altos pensamentos de Amor, porque tende a apaziguar a sociedade revolta, iníqua e feroz pela persuasão, pela mútua compreensão dos deveres e pela equitativa distribuição dos direitos. E não é esta a fala que melhor timbra ao Coração!?

EDON.

Tomar parte nos festejos do aniversário do «Ecos» é um dever que se impõe a todo o indivíduo que deseje acompanhar os que caminham rasgando e abrindo novas estradas, ansiosos de avançar na vanguarda do Progresso.

Festejar o aniversário do «Ecos» é alimentar a chama dum Facho que ilumina os espíritos nebulosos, cercados por toldadas névens de ignorância.

Portanto, nós, homens que sustentamos esse Facho el-vemo-lo bem alto para que pouco a pouco esses espíritos rudes do nosso povo recebam a claridade dum luminosa vitória — o contínuo triunfo da Ciência.

Ponhamos de parte todas as superstições — todos os males que nos sucederem depois dum vida de trabalho, todos os castigos que alguns espíritos nos possam infligir.

Arranquemos da miséria milhares de desgraçados que penam sem culpa, sofrendo dôres cruciantes, que padecem mais do que Cristo — e não têm um cântico de glória erguido pelo fanatismo religioso.

Protejamos esses desgraçados que se arrastam pelas romarias — fruto dum errado pensar — enquanto o sangue novo e forte se diverte e folga (justa recompensa dum árduo trabalho) e enquanto um novo béo ou peñante se rodeia da mais refulgente carapaça de orgulho ou vanglória. Arranquemos da miséria embora pouco a pouco esses que caíram ou nasceram no mar, da infelicidade, esses que heroicamente batalham contra a fome até caírem sem forças curvados pelo peso de tam violento trabalho.

E esse facho luminoso o que faz? Guia os que o acompanham, ergue-se bem alto para que os peregrinos errantes o divisem a fim de seguirem com segurança o espinhoso caminho da vida. Recebe a luz daqueles que sacrificam a sua vida, arriscando o corpo nos ocultos precipícios que se deparam deante de si. São estes os da Ciência.

A quem compete o trabalho de ajudar aqueles que na vida não aproveitaram com ganho o fruto da Ciência?

A quem compete auxiliar os infelizes que no mundo regam com lágrimas nas suas queixas as chagas que lhes devoram o ulcerado corpo? Compete, com certeza aqueles que ostentando vaidade guardam em sua casa o sangue de escravos, encarcerado de há muitos séculos em proveito da sua geração. Compete a uma nova Sociedade, erguida por fortes espíritos, arrancar desses cofres onde brilha o ouro, a riqueza inimiga do trabalho, para que um dia de mãos dadas e amigavelmente todos os homens possam caminhar cantando triunfalmente a «Liberdade, Igualdade e Fraternidade».

E então não veremos os côchos de moletas, os cegos com guias, os ulcerados arrastarem-se pelas valetas incomodando quem passa, crianças e velhos a esmolar, mas sim veremos a riqueza pública erguida não em castelos de libras mas transformada em enormes sanatórios e hospitais e outras casas de saúde na construção das quais tanto desempregado pode ganhar a vida temporariamente.

E então alguém ha de vêr que estes factos alimentados por pequenas luzes foram as causas do bem-estar dessa nova e mais feliz geração.

Rabelito.

## Grémio Regional do Vouga

*A' magnífica idêa que o nosso camarada da redacção de Lisboa, sr. Anibal Cruz, tão brilhantemente expôe no seu artigo que inserimos na presente página damos o nosso apoio, augurando que ela frutifique, como é de justiça, no coração de todos os nossos conterrâneos residentes em Lisboa.*

*Na verdade aos naturais da Região do Vouga assiste o dever de se agruparem, de constituírem um grémio regionalista para, mais perto da Arcada, poderem assim secundar com proveito para o progresso da nossa terra, os assuntos de interesse local que o povo reclama.*

*Avante, naturais da baixa região do Vouga!*

*Prevenimos os nossos assinantes de Lisboa que desejarem a publicação de qualquer notícia no ECOS, se devem dirigir ao nosso redactor na capital, no Bêco dos Clérigos, n.º 1.*



**Farrapos da vida**

**Um painel de praia**

... Depois o grosso cabo, pouco a pouco vai subindo, arancando fundo a fateixa.

Ó vai! Ó vai! Ó vai!  
Os músculos vibram, as veias incham, os arcabouços inclinam-se e erguem-se num ritmo lento, demarcado pelo côro nostálgico daqueles homens de pele tsnada pelo sol e gretada pelo ar salino do mar...

Os pés ficam-se no taboado da tolda, espalmam-se, alongam-se com a violência do esforço numa suprema distensão de nervos...

Ó vai! Ó vai! Ó vai!  
Como garras, as mãos de dedos curvados em acento circumflexo empolgam o cabo, prendam-no, algemam-no, arrastam-no...

Corre o suor em bagas pelas frentes avermelhadas pelo esforço...

Mas o ritmo segue sempre certo, sempre compassado pelo grito unisono saído das gargantas contraídas, brotado das bocas abertas, hiantes, escancaradas numa necessidade ansiosa de respiração:

Ó vai! Ó vai! Ó vai!  
Ja se vê o ferro. Surge a argola onde passa o cabo; vem depois a haste; e, finalmente, aparecem as pontas curvas como meias luas, a escorrer, a pingar água que cai como gôtas de oiro quando o sol a atinge...

As cordas encebadas deslizam nos cavernais. As vergas alargam-se, erguem-se, atravessam-se...

Os grandes latinos, vermelhos brancos, pardacentos, com a numeração a pôr-lhe lá no cimo uma manchasinha negra, abrem-se como enormes azas — umas azas estranhas de voláteis desconhecidos...

Vem vento. Enfunam-se as velas. Há um grito no leme, um puxão na escôta. Largam-se os fokes. Reteza-se o cordeame.

E como um grande bando de aves ignotas que se deixassem vogar ao sabôr da corrente, de azas bem abertas, os barcos viram, dão lá longe a volta e seguem em fila, inclinam-se ligeiramente com elegância, numa cortezia de gentilêsa soberana à terra que se distancia, perante o templo pequenino do Santo da gente rude do mar...

**João da Beira-Mar.**

N. R. — Este nosso presado colaborador, escrevendo para o número comemorativo do nosso aniversário, inicia hoje esta secção literária, que vai interessar aos leitores — já pelos assuntos cidadãos, mas ainda pela forma popular que cativa.

**Salvé o "Ecos de Cacia"!**

Com todo o entusiasmo, me associo à comemoração do aniversário do *Ecos* — um dos jornais da Pequena Imprensa que mais nos impressiona pela forma dos seus belos artigos de certa e inteligente crítica regionalista; um dos da Pequena Imprensa que melhor se sabe salientar e distinguir conjunctamente pelo desassombro, pela clareza e pela honestidade com que evidencia as suas campanhas construtivas, notáveis e impressionantes que visam o progresso e a defesa dessa localidade e dessa linda região do Vouga, tudo quanto seja a s'avaguarda do concelho e tudo quanto seja o bem estar geral do país, quer no campo moral, quer no campo material.

Saúdo neste dia festivo, com toda a minha alma a independência e a forma activa como o *Ecos de Cacia* se bate — sacrificando-se quantas vezes — em prol da Comunidade!

Figueira da Foz, 1931.  
**Anibal dos Santos Teixeira.**  
Industrial

**Um ano**

E' passado um ano — um ano de canseiras e apertos de cabeça — que o *Ecos* conta na sua segunda fase, pois resurgiu a 1 de Agosto de 1930 após 15 anos de suspensão.

Este jornal é hoje um elemento de enorme e incontável valôr. A sua voz é já qualquer coisa que se faz ouvir, e para assim suceder, basta ter por lêma: **RAZÃO e JUSTIÇA.**

São mesmo as suas armas de combate, e ao mesmo tempo o seu braço.

Eis porque a sua voz é potente e se ouve a distância!

Podia-se imprimir no seu braço a palavra VERDADE mas, como sem ela, não pode haver nem Razão nem Justiça, ficam estas duas que, unidas, se completam.

Um ano passado sem grandes pressas, pois os homens que o orientam e dirigem sabem que: *devagar se vai ao longe.* Conscios desta grande verdade não dão um passo em falso. Pizam terreno firme e caminham sempre em frente, sem vacilações nem tibiezas. Teem na sua frente uma estrêla muito rutilante que, como um Norte os orienta e guia; e essa estrêla, tem escritas em letras de ouro, duas palavras que, não será mau tornar a repetir: **RAZÃO e JUSTIÇA.**

Que elas sempre os guie e que o *Ecos* progrida são os mais ardentes votos de Esgueira, 1931  
**Augusto de Carvalho.**  
Industrial.

*Para evitar juízos infundados cumpre-nos frizar que os nossos estimados colaboradores Demócrito e Antodote nada têm que ver com o nosso prezado e inteligente colaborador sr. António Augusto Cardote.*

São dois colaboradores muito distintos de cujos escritos o estilo bem os diferencia.

**Saüdando**  
E' sempre grato e salutar evocar, mórmente para aqueles que, como nós, anseiam pelo progresso de Cacia, as obras e os feitos dos que para o mesmo contribuíram. Assim vimos saüdar o «Ecos de Cacia» na passagem do seu aniversário, prestando culto ao seu esforço em defesa dos interesses regionais e dos sagrados Direitos dos povos. E' mais um denodado obreiro a pugnar pela conquista do Direito, defendendo com nobreza o braço produtor.

O «Ecos de Cacia» que na sua segunda fase apenas conta um escasso ano de vida, pode orgulhar-se de ter conquistado um lugar de destaque na imprensa regional, embora muitas vezes lhe tenham movido uma guerra vergonhosa. Como diz o ditado: *O cão ladra e a caravana passa*, este jornal passou ileso das iras da inveja.

Meu caro Damião: Siga sempre esse caminho que a Justiça virá a seu tempo. Os homens de envergadura nunca devem desanimar. Ante o direito e a justiça que lhe assiste pelo seu trabalho de defesa e engrandecimento da sua querida terra todas as boas Consciências se curvam!

Ovar, 1931.  
**Manuel Rodrigues Gomes**  
(Industrial)

**Um ano que passa**

Com o presente número vai entrar o *Ecos* no segundo ano da sua nova fase.

Um ano de brilhante pugnar em prol do desenvolvimento e progresso da região de que é o lídimo arauto!

O seu corpo redactorial deve orgulhar-se com os louros que colheu ao fim dum ano e que agora lhe tornam o caminhar mais suave.

Destas paragens eu te saúdo *Ecos de Cacia* pela alevantada missão de que te incumbiste. Segue sem tibiezas a senda que trilhas de há um ano; não reveses os obstáculos que te levantarem na frente! E àvante!

Nêste dia de festa para todos quantos trabalham em prol dêste semanário eu não devo quedar-me sem enviar a todos os meus mais ardentes e entusiásticos cumprimentos, destacando o seu proprietário e editor, srs. José Marques Damião e Abílio de Carvalho.

Viva o *Ecos de Cacia!*  
Bonsucesso, 1931.

**Mário Matos Pereira.**

**No fim de um ano**

E' sempre grato registar com prazer, o aniversário dum jornal. Quem, como eu, tem acompanhado de perto os progressos do nosso «Ecos de Cacia» e, quem lhe tem seguido as pisadas, como que acompanhando uma creança que é o mimo de quem a vê, sente orgulho por poder constatar que no limitadíssimo espaço de um ano de vida, essa creança tomou formas grandiosamente proporcionais, e se engrandeceu brilhantemente através a espinhosa vida do jornalismo.

E' hoje o «Ecos de Cacia», como aliás o foi sempre, um acérrimo defensor dos interesses da sua região, e isso basta para que se torne imensamente grande o número dos seus admiradores.

Um ano de vida de jornalismo representa o esforço inaudito de quem emprega o melhor do seu tempo em pugna do interesse alheio, da sua terra, e do bem estar de todos, sacrificando-se a si proprio.

E assim, é sempre louvavel qualquer iniciativa tomada por um jornal. Ela terá sempre em vista um bem profícuo para a Sociedade, que hoje, mais do que nunca, precisa de quem a ampare.

E é, sem dúvida, um jornal que, bem dirigido, evitará em parte que essa Sociedade se corrompa, trazendo até nos, leitura e com são princípios, perpassada por indicações uteis e leitura amena.

Um abraço, pois, para todos que cooperam no «Ecos de Cacia», e muito especialmente para o seu digno director, a quem eu apresento as minhas mais sinceras felicitações, esperando que o «Ecos de Cacia» continue sendo o porta-voz da Verdade e da Justiça, parcela imprescindível do jornalismo, na linda região do Vouga.

Porto, 1931  
**CARLOS REIS.**

**SALVÊ 1-8-1931!**

Há um ano que viu a luz da publicidade este semanário regionalista, engrassando assim a falange da Pequena Imprensa, aquela que mais precisa é no seio dos povos pois que é o porta-voz das suas aspirações e o baluarte da defeza dos seus interesses.

Desde os aídos do Minho até às costas do Algarve, só ouvimos o clamôr das necessidades locais, apregoadas pela boca da Imprensa Regional, mas para que esta possa desempenhar-se do seu papel, é preciso que os seus conterráneos lhe dêem a força necessária para se poder manter, fazendo chegar a sua voz até às altas esferas governativas para assim poder conseguir o que a sua região tem direito.

**DUAS PALAVRAS**

Um ano de lutas tem o *Ecos de Cacia*, sem um desfalecimento no caminho traçado e com muito mais ânimo se propôi seguir a jornada patriótica pró-regionalista.

Não é estranho ao nosso povo o esforço empregado e as canseiras que causam, na epoca egoista que atravessamos, para se fazer na provincia um jornal de carácter puramente independente. Nós que há vinte e quatro anos labutamos nas lides da imprensa provinciana, sabemos de sobejo quanto custam esses amargos empreendimentos tão precisos para os povos como o pão para a bôca.

A Imprensa é a voz alta-neira das povoações que reclamam justiça, — e quantos beneficios ela tem conquistado a favor da Comunidade!...

O povo que o diga...  
Todavia há quem a não compreenda, não lhe saiba dar o amparo e a simpatia que lhe são necessários para a sua existência... Outros — animais raros —, então, combatem-na porque ela é dura pela Verdade, leal na exposição clara dos factos, firme nos princípios, nobre desde os actos mais escassos da vida moral e forte no mais pequenino gesto de solidariedade!

Quão difficil é escrever para o público lêr... Porque estampar no papel o pensa-

mento é arte delicada e sublime.  
E isso não é para quem quer, — é para quem tem inteligência, espírito de cultura — *engenho e arte.*

Um jornal é alguma coisa de notável no meio pacato das aldeias onde os pelitrapos de espírito são *senhores feudais* e por isso recordar com saudade a memória de Alberto Sampaio, Augusto Veiga, Martins de Carvalho, Barbosa de Vilhena, Marques Vilar e tantos outros que fizeram do jornalismo um verdadeiro sacerdócio, é erguer altiva a Pequena imprensa, e citar também que ainda hoje, felizmente tem a honrá-la as figuras ilustres de Homem Cristo, Manuel Jorge Cruz, Arrobas, Júlio César, César Anjo, etc., etc., que neste reducto marcam pelo seu alto talento, forma de dizer e conduta.

Pois os *Ecos de Cacia* vive para engrandecer a sua Terra, essa missão sagrada que vem há um ano cumprindo com capricho, desejando acertar no campo da discussão e honrar a tribuna jornalística.

As nossas sinceras saudações com os votos da mais forte solidariedade. Ao festejarmos o aniversário dêste jornal, gritamos:

— *Viva o Povo de Cacia!*

**A. C.**

Felizes são os povos que pedindo se sabem impôr, mas é necessário que ajudem aquêle que meteu ombros à empresa, sacrificando-se a si e aos seus para conseguir o seu intento que para mim é um dos mais belos e mais nobres. Ninguém duvide dos sacrificios que é preciso passar para se conseguir fazer circular um jornal! Por isso, quando aparece alguém com aquela força de vontade que nem todos nós possuímos porque não o havemos de ajudar, para que resulte profícuo o seu esforço!

O «Ecos de Cacia» impôsi-se entre a Imprensa como um jornal de bôa orientação. Que siga sempre pelo caminho da Razão e da Justiça como até aqui, é o que anseia o seu admirador

**José Nunes Ferreira.**

**Salvé dia 1 de Agosto!**

Faz hoje um ano que reapareceu o semanário independente, defensor dos interesses da Região do Vouga, **ECOS DE CACIA.**

Desde o princípio da sua publicação surdiram inintermitentemente vários obstáculos filhos de espíritos mal intencionados que não sabem sequer esconder a inveja que sentem ante os triunfos re-tumbantes dêste jornal. Procuraram sempre amesquinhá-lo, mas, para tanto, conheceram-se fracos e completamente falhos de *engenho e arte*, razão porque, hoje, as suas garras se vão escondendo, envergonhadas da triste figura que os seus possuidores tem feito.

Os orientadores dêste jornal têm feito todo o possível para passarem por cima da *miséria* sem sujarem as solas dos seus sapatos. E foi esta nobre atitude que aca-

bou por desconcertar os seus fracos inimigos.

Por isso sempre lhes demos o nosso apoio e estaremos a seu lado enquanto o jornal e nós existirmos.

Um grande abraço de saüdações a todo o corpo redactorial e os votos mais sinceros por que continue sem desfalecimentos na nobre missão que se impôs.

Angeja, 1931.

**Américo Dias Capela.**

Comerciante

**Margarida Marques de Carvalho**

Da dignissima encarregada da estação telegráfica de Cacia recebemos a seguinte saüdação que muito sensibilizados agradecemos:

*Margarida Marques de Carvalho, cumprimenta V... ao mesmo tempo que apresenta as suas felicitações pelo aniversário do Ecos de Cacia a quem deseja muitas prosperidades.*

**FALECIMENTO**

No dia 23 faleceu o menino José Maria Marques, filho do sr. Manuel Marques Damião do lugar Vilarinho e de s. esposa, sr.<sup>a</sup> Rosaria d'Oliveira Rodrigues do lugar Oliveira de Azemeis.

O enterro foi muito concorrido tanto de pessoas de família como de fora.

O presente número é de 6 páginas.



# NOTÍCIAS DA NOSSA TERRA

## De Aveiro

### Modesta Saudação

Não posso deixar passar despercebido este dia. Ainda que me faltem recursos literários, eu acho-me com a sinceridade bastante para dizer duas coisas neste dia solene para todos quantos trabalham neste jornal.

Faz hoje um ano que ele reapareceu. Ultimamente mão misteriosa impulsionou-o, e eis-o aí triunfante, rodeado de prestígio, nimbado de uma deslumbrantíssima auréola de luz!

As suas campanhas são formidáveis de dinamismo, orientados com um critério invulgar.

Combatendo o analfabetismo defende também com o mesmo ardor os nobres princípios de moralidade e justiça. Colabora nele porque a tanto me impele o coração, ardendo em desejos pela intangibilidade do tri-*lema Liberdade, Igualdade e Fraternidade.*

O *Ecos* tem sido um *Libertador, um Igualitário e um Humanitário.*

O *Ecos* tem sido um amante da *Liberdade, da Justiça, da Razão e da Virtude!*

São estas as palavras que o Pensamento me dá para exprimir o Ideal que me abraza:

Ideal de Amor a reger uma sociedade perfeita.

*Liberdade!* — palavra mágica que nos fascina, e resiste a todos os atentados.

*Igualdade* é um complemento daquela. Entre nós não há Igualdade.

*Fraternidade* é a cúpula do santuário de Amor porque todos nos batemos; ela significa tolerância. Tolerantes para com os inimigos mas nunca pusilânimes.

A tolerância é acima de tudo o respeito pelas crenças alheias e pelo Direito.

Eis porque este jornal triunfou — não olha para os homens. Fixou a sua Estrela e segue a sua trajetória indiferente aos convencionalismos, aos preconceitos e aos Interesses...

Salve *Ecos de Cacia*, e avante em defesa do Fraco e do Pobre!

Aveiro, Julho 1931.

Costa Pinto.

A parte estes amigos quem mais nos respondeu ao nosso apelo? Tudo ficou em completo silêncio porque o veneno reacionário pretendeu interromper esta obra.

Apenas um poltrão, um triste aleijado deu acordo da sua alta personalidade. Era melhor estar calado do que vir-se meter em assuntos que pela sua falta de cultura e de moral desconhece por completo. Evitaria assim ter de pedir a alguém para «botar carta ao jornal»... porque há jornais que a tudo se prestam. Que falta de pudor de parte a parte! O poltrão subscreve-se com iniciais supostas para nos desnoitear nas pesquisas. As iniciais que devia pôr era A. O. J. E' assim que os homens de caracter fazem. Mas como as suas chagas escarram vermes escondeu-se. Para certos imbecis tenho uma unica resposta: leiam alem de outros o «Jornal de Albergaria» de 22 de Março de 1930. Nesse numero vem publicada uma carta do sr. Inspector Escolar. Leiam-na todos e tirem dela as conclusões que entenderem.

Vejam agora o que um notável jornalista americano diz:

«Escrever para jornais é tarefa deveras espinhosa porque as... verdades não agradam sempre.»

Mas ao mesmo tempo já de nada estranhámos visto o mundo de tudo se compôr. No século XV em Strasburgo quando João Guttenberg o inventor da tipografia apresentou o seu projecto, 2 individuos que se faziam seus intimos amigos pretenderam roubar-lhe a patente de invenção. O destino não fez a vontade aos meliantes e, enquanto o mundo existir todos se hão de curvar ante a memória do inventor da Imprensa — o imortal Guttenberg.

O mal pois, vem de longe.

Perdoe-nos o leitor estas divagações.

Ao passar o aniversário do «Ecos de Cacia» eu saúdo o amigo José Marques Damião e todo o corpo redatorial, esperando que o jornal siga o seu caminho com toda a independência em prol do Progresso e do bem estar dos povos da Região do Vouga.

Viva o «Ecos de Cacia»!  
Viva o povo da Região!  
Mataducos, 1931.

Arnaldo Silva.

## De Eixo

### Mais um ano

Obedecendo a uma velha praxe jornalística, vou falar do nosso jornal, porque passa hoje o seu aniversário. Apesar de todas as contrariedades e de todos os sacrificios, este jornal nunca se acobardou ante as conveniências e a mentira.

O entusiasmo com que appareceu é o que ainda hoje o anima.

O seu triunfo deve-o ao valiosissimo auxilio que os amigos lhe vão dando.

O programa de hoje é o de ontem — Moralizar, educar, instruir, ao mesmo tempo que a Causa Regionalista lhe merece a mais cuidada atenção, despertando as suas bem orientadas e ardentes campanhas pró-agricultura o maior entusiasmo em toda a Região.

Quantos nobilísimos gestos de almas generosas são miseravelmente contrariados pelos politiquieiros?! Pois o «Ecos» não deixa passar despercebida a «falcatrua» e castiga inexoravelmente seja quem for. Um jornal assim vive e impõe-se porque tem autoridade.

JUNKER.

## De Taboeira

Realizaram-se no sabado, domingo e segunda-feira as festas a Santa Maria Madalena que resultaram brilhantissimas.

A afluência foi enorme.

Louvamos a Comissão por se ter desempenhado cabalmente da sua missão.

— Entre outros de que nos foi impossivel tomar nota vimos aqui a passar as festas os nossos amigos, srs: Madail, João Nunes Crespo, e sua Família, de Lisboa, Manuel Marques Nunes e Família, Marcelino Fernandes da Cruz e Família, Clemente Rodrigues Laranjeira, Manuel Rodrigues Laranjeira, e seu irmão João e Família e outros seus amigos, Carmindo M. Ferreira, Manuel Maria Marques Oliveira Manuel Marques Ferreira e mais amigos.

— Vindos da G. legã vimos os srs. José Maria Marques, do Porto Antonio Ribeiro Silva e sua esposa. Antonio Marques da Graça e seu amigo Facal, João da Cruz Carvalho, Manuel Pereira Carvalho. José Marques da Graça e seu sobrinho Anastácio R. Migueis e seus irmãos, Augusto e Aronrio Maria, Sebastião Rodrigues Calafate, sua esposa e sobrinha, etc.

Maroca.

## De Angeja

Tudo se congrega para que os festejos à nossa Padroeira atinjam este ano proporções desusadas.

Vão afluindo de todos os pontos do país os nossos conterraneos auzentes.

Já regressaram os srs. Emídio Nogueira Trindade acompanhado de sua esposa e filhinhos, Sofia Ribeiro da Silva e filho e José Fontoura, esposa e filhos e João Baptista Pereira, esposa e filhos, e Antonio Nunes das Neves.

— De S. Pedro do Sul, chegou a mãe da sra D. Olímpia Santiago.

— Há dias deu-nos a sua habitual visita vindo de Lisboa onde é proprietário-gente de uma fabrica de perfumes o sr. Manuel Ferreira Gomes que vinha acompanhado de seu mano Augusto.

— Já está concluido o fôrro da nossa igreja matriz.

— Chegou a semana passada do norte o sr. João Pereira Mendonça.

Bitoque.

Herculano Praça  
Antonio Osório  
(Presidente da Direcção da Companhia G.G. Fernandes).

Tipografia  
Caciense  
Quinta

## ECOS DA SOCIEDADE

### ANOS

Completo no dia 17 do pp. 14 anos o filho do nosso director, sr. António Ferreira Marques Damião.

— No dia 28 do mesmo mês a menina Maria Rosa Ferreira Damião.

Parabens.

### VISITAS

Honraram-nos com as suas visitas os amigos srs. João Nunes Crespo, Manuel Marques Nunes, Marcelino da Cruz, Clemente Rodrigues Laranjeira, António Marques da Silva, Carlos Manuel Leitório Restolho e Manuel Maria Fernandes.

Agradecemos.

### ESTADAS

Vimos em Cacia os srs. Agostinho Rodrigues da Bela, Antonio Nunes Teixeira, Manuel Nunes da Silva, José Maria da Silva Matos, Julio da Silva Matos, Manuel Nogueira Simois, Manuel Rodrigues Mendes, Manuel Nunes Teixeira e Manuel Francisco Teixeira.

— Também se encontra na sua casa de Sarrazola por algum tempo o sr. Manuel Azevedo Arcanjo e sua ex.<sup>ma</sup> Esposa.

### PARTIDAS

Para a Figueira da Foz retirou-se há dias o sr. José Francisco Teixeira.

— Da Branca para a praia de Espinho o dig.<sup>mo</sup> prof. official sr. José Francisco Corujo.

### DOENTES

Encontra-se incomodado de saúde na sua casa de Vila Nova de Ourem o nosso amigo sr. Salvador Rodrigues Sapateirinho, industrial.

— Também se encontram doentes os nossos amigos srs. Manuel Caitano Valente, Augusto Luís Marques Peça, Guilherme Dias Capela.

A todos desejamos rapidas melhoras,

## O pão

E' conveniente que os industriais de padaria que fornecem o povo da Região sejam escrupulosos na selecção das farinhas e honestos na manipulação das mesmas a fim de o povo não ter razão para queixas.

### Exames

Na penultima sexta-feira entraram às provas finais do exame da 4.<sup>a</sup> classe os alunos da Escola da regência do sr. Pinto Junior, Leonel Nunes de Bastos Pereira, Manuel Paula e Manuel Maria Pereira da Silva que obtiveram a classificação de Bem.

— O nosso di tinto amigo e dig.<sup>mo</sup> Prof. Official na Escola da Branca, sr. José Francisco Corujo levou este ano a exame da 4.<sup>a</sup> classe 7 alunos, dos quais 4 ficaram distintos.

Os nossos parabens ao zeloso professor.

### Casamento

Deve ter lugar neste mês o enlace matrimonial do nosso amigo sr. Manuel Nogueira Simois Júnior com a simpática menina, nossa estimada assinante, Mabilia Oliveira Cruz, de Sá, Sangalhos.

### Falecimento

Faleceu há dias Gracinda Rodrigues Tavares, filha ds João Tavares e de Maria Rosa Rodrigues Barbosa, de Sarrazola. Pezames à familia.

### GRALHAS

Por alterar o sentido da frase, no artigo de *Edon* que publicamos na 3.<sup>a</sup> página, rectificamos: Onde se lê — *pela sua dialectica*, deve lêr-se *pela sua lógica*.

O leitor culto rapidamente daria pelo equívoco.

### PADARIA

Trespasa-se uma bem situada. Cosedura 90 quilos de farinha em pão pequeno, e 30 quilos de borã. Motivo desavença na sociedade.

Para tratar na mesma.  
RUA DO GRAVITO  
AVEIRO

## De Mataducos - Almieira

### Um ano

São já decorridos 365 dias após o aparecimento do 1.<sup>o</sup> numero do «Ecos de Cacia» na sua segunda fase.

Nós como simples rabiscador despido de todo o recuso literario, lutamos muito para ter podido durante este periodo apresentar assiduamente o noticiario que me tem sido dado tomar nota. No entanto do melhor agrado o temos feito.

Venho felicitar o «Ecos» na pessoa de todos quantos trabalham nesta casa pelo seu magnifico triunfo. A semente espalhada algum beneficio trará a este malfadado país. Há tanto caciquismo jesuitico a combater que longa é a tarefa deste jornal votado à defesa dos povos e da Instrução. Neste sentido cumpre-nos abordar um caso que se passou na nossa terra. Alem dum reduzido número de amigos da Instrução aqui residentes devemos destacar em Lisboa os srs. António Gomes Gautier e seu irmão José, que em uma sua carta que temos em nosso poder revela bem alto o grande amor que teem à instrução.



# DENTISTA

Tratamento das doenças de boca e dentes. Operações sem dor por anestesia.

**Consultorio:**

Farmácia Souza -- Estarreja

# AGENCIA GOSTA ESTARREJA

Fornece passagens para os vapores:

Presidente Harding  
Leviathann  
Presidente Roosevelt  
George Washington  
Republic

da **United States Line.**

SAÍDAS REGULARES DE LISBOA PARA OS PORTOS DA AMÉRICA DO NORTE

Vende passagens e solicita passaportes para todos os paises

**Prontidão, Seriedade e Economia**

Fábrica de pirolitos, gazosas e laranjadas. Grande depósito de licôres e vinhos finos. Depositários da cerveja "Portugália". Torrefação e moagem de cafés a vapor

**A INDUSTRIAL**  
de Manuel Tavares de Souza & F.<sup>o</sup>  
Rua de Sá AVEIRO

## Há de tudo!

Alcatruzes para engenhos, enxofreadas, reparações, e pulverizadores, bacias, banheiras, canalizações, etc., etc.

Vestidos para anjos e comunhão

**Antonio Simões Pinto — Angeja**

## Restaurant Floresta

Este modesto restaurant tem por divisa bem servir os seus estimados clientes. E' o que mais barato vende.

**Recomenda-se pelos bons vinhos brancos e tintos**

E' que apresenta sempre o melhor e mais variado peixe, e a esplêndida CALDEIRADA

A *Ginginha de Lisboa* tambem aqui se vende sendo por excellencia um aperitivo estomacal e o maior reagente contra a gripe

**JOAQUIM SIMÕES BIRRENTO**

LARGO DA ESTAÇÃO

AVEIRO

## Expediente

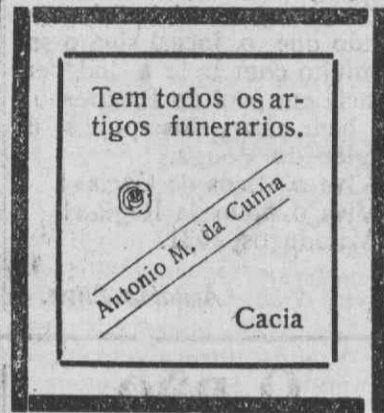
Informamos os nossos estimados assinantes que a cobrança feita pelo correio acresce 1\$00.

Por esse motivo torna-se mais económico para o assinante mandar satisfazer a importância das suas assinaturas.

Na TIPOGRAFIA CA-CIENSE executam-se todos os trabalhos concernentes à Arte Gráfica.

## Padarias

**TRESPASSAM-SE 3 padarias, juntas ou separadas, na Figueira da Foz. Quem pretender fale com Teixeira & C.<sup>a</sup>**



## Preço dos géneros

Milho b. nacional (20,1)	9\$00
Trigo . . . . .	30\$00
Centeio . . . . .	17\$00
Feijão branco . . . . .	14\$00
Feijão amarelo . . . . .	13\$00
" mistura . . . . .	9\$00
" larangeiro . . . . .	15\$00
" frade . . . . .	9\$00
Ovos (duzia)	2\$70

**VENDE-SE** lenhas e taras por vagon.

Falar com o Mexi, empregado do sr.

Manuel Tavares de Souza

Fabrica de Referigerantes

Rua de Sá

Aveiro

## Perdeu-se

entre Aveiro, Paço e Alquerubim, um disco pneu 14x45 e camara d'ar.

Quem o encontrar receberá de alviçaras 100\$00 se o entregar ao seu proprietário

**MANUEL MENDES LEAL**

Aveiro

## VERMIFUGO LAXATIVO LUSITANO

Este medicamento absolutamente inofensivo, quer em creanças, mesmo de tenra idade, quer em adultos, é d'um efeito seguro e rapido na expulsão destes vermes intestinaes, bem como na destruição dos germens que os reproduzem.

Preparador e depositário  
**FARMACIA LUSITANA**  
Cacia

## Manoel Correia Vidinha

COM

Fazendas de lã e algodão—Chales de merino e sêda—Miudezas e louças de todas as qualidades — Sapatos e chinelas.

Fabrica de louça vermelha, beirais, tijolos, manilhas, etc.

**Praça da Republica (em frente ao chafariz—Angeja**

## FARMACIA ALVES

Angeja

Especialidades farmaceuticas nacionais estrangeiras. Grande quantidade de produtos quimicos, tanto nacionais como estrangeiros drogas de toda a especie e principais accessorios. Execução rapida e perfeita em todo o receituário.

## Agência funerária

= DE =

## Guilherme Dias Capela



Grande depósito de urnas de mógno e nogueira americana

Corôas, caixões de chumbo, cêra vestidos e mantos

Encarrega-se de funerais

**PRAÇA DA REPÚBLICA**  
**ANGEJA**

## FARMACIA LUSITANA

DE

## ABÍLIO DE CARVALHO

ESPECIALIDADES nacionais e

ESTRANGEIRAS

R. Conselheiro Nunes da Silva

PRODUCTOS quimicos e

FARMACEUTICOS

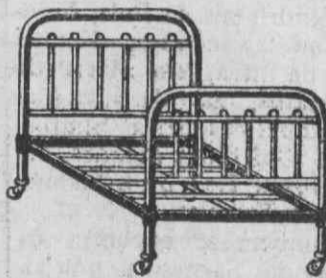
**CACIA**

**Fábrica de Móveis de Ferro de Avanea**

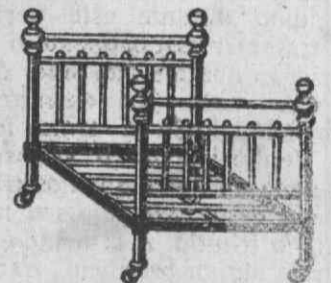
— DE —

## Adelino Dias da Costa

A maior produção de móveis



Móveis de ferro em todos os géneros. Os melhores preços. A maior solidez e segurança em todos os artigos do nosso fabrico. Abastecemos os centros mais populosos.



## Urnas funerárias

O depósito mais completo de urnas no districto, para todos os tamanhos, adultos e crianças, em talha, lisas e contra moldadas, só se encontram em Estarreja, na Casa

**Adelino dos Santos Leitão**

PREÇOS SEM COMPETENCIA